



## ***Eu, Robô, Frankenstein e Síntese da Vida Artificial***

**Palavras-Chave:** Vida Artificial, Frankenstein, Ficção científica

**Autores(as):**

**Brendon H. S. França, IEL – UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Fabio Akcelrud Durão (orientador), IEL - UNICAMP**

---

### **INTRODUÇÃO:**

O presente resumo apresenta parte do trabalho de pesquisa desenvolvido entre os meses de Novembro de 2022 e Julho de 2023, no projeto intitulado *Eu, Robô, Frankenstein e a Síntese da Vida Artificial*. A pesquisa tem como objetivo observar como a criação da vida artificial (robôs, inteligências artificiais, replicantes, etc) se desenvolveu e se transformou na literatura entre o século XIX e o século XX, analisando principalmente o *Frankenstein* de Mary Shelley e os contos incluídos em *Eu, Robô* de Isaac Asimov.

Muitas vezes quando falamos de vida artificial nos dias atuais não levamos em consideração que esse tema vem sendo discutido muito antes do desenvolvimento de qualquer computador ou circuito impresso. Podemos observar essa idealização de uma forma de vida criada pelo ser humano já no século XIX, quando Mary Shelley (1797- 1851) elabora em seu romance uma criatura que vai influenciar toda cultura ocidental e seus autores. Muito do que se imaginou sobre como seria a criação de seres artificiais semelhantes aos humanos foi, em um grau ou outro, influenciado por Shelley. Como uma obra baseada em diversos avanços tecnológicos e científicos de seu tempo, *Frankenstein* foi fundamental no desenvolvimento do sub-gênero Ficção Científica (FC), contudo, a forma como a criatura do livro foi apresentada também acabou ecoando pelas gerações futuras de escritores de FC.

O medo de criar outro ser inteligente e independente só vai ser amenizado de forma expressiva muito tempo depois através do trabalho de Isaac Asimov (1920 - 1992), autor que não só re-imagina o tema “vida artificial” como também reconhece a influência de Shelley no campo. É partindo dessa relação entre as obras e da influência atual de ambos os autores, que esse projeto se desenvolve mais adiante.

## **METODOLOGIA:**

Como metodologia principal temos a leitura atenta do corpus principal e dos textos complementares, sempre observando os principais pontos que colaboram com o desenvolvimento teórico da pesquisa. Alguns fichamentos também foram necessários para organização das leituras, bem como a localização dos trechos mais importantes.

**Leitura do corpus principal da pesquisa:** Partindo da leitura e da análise das duas obras principais, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* e *Eu, Robô*, começamos a levantar os principais pontos de cada material. O critério para destacar essas partes do texto foi sua relevância na apresentação dos conceitos que abordam a vida artificial, como a criação dos seres, seu desenvolvimento e sua evolução; além disso, alguns trechos foram selecionados por sua semelhança entre conceitos que ambos os autores exploram, como complexidade envolvendo emoções e a relação entre a humanidade e o ser artificial.

**Comparação entre obras e influências:** Outro passo importante foi a comparação entre as duas propostas de seres artificiais apresentadas pelos autores, como elas se diferenciam e em que ponto a criação de um se mostrou importante para a criação e elaboração do outro.

**Leituras complementares:** Para embasar e ampliar a pesquisa foi essencial a busca dos textos complementares, que contribuiriam para entender um pouco mais sobre essa relação entre o ser humano e os seres artificiais da literatura e como essa relação é explorada dentro da Ficção Científica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Olhando para a proposta de vida artificial apresentada por Shelley em *Frankenstein*, temos uma criatura muito mais complexa do que aquela que se popularizou através de filmes e do teatro. Boa parte da imagem atual do mito se baseia na figura interpretada por Boris Karloff na versão produzida em 1931 (HITCHCOCK, 2010, p.333). Entretanto, os detalhes que envolvem a construção e o desenvolvimento da criatura no romance mostram uma forma de vida elaborada e que consegue, ao longo da narrativa, evoluir sozinha.

Um ponto que podemos ressaltar em relação a complexidade do “monstro” é que, mesmo que a estrutura da criatura inventada fosse feita de partes de corpos mortos, em diversos trechos fica claro que suas habilidades físicas e cognitivas ultrapassam as características humanas; habilidades essas

que não são apresentadas como resultado de algo sobrenatural, mas sim planejadas por seu criador, como a criatura expõe:

“Lembra-te, fizeste-me mais poderoso do que a ti mesmo; minha altura é superior à tua, minhas articulações mais flexíveis.”

(SHELLEY, 2017, p, 109)

Esse desenvolvimento de um ser com características que se assemelham às de um ser humano idealizado como “superior” e sem defeitos também é expresso no trecho onde Victor admite ter escolhido “membros proporcionais” e “Traços belos!”, suas deformidades só são percebidas após a criatura ganhar vida.

Focando um pouco mais em *Eu, Robô*, temos uma importante ligação entre seus contos, essa conexão existe não apenas por todos se passarem no mesmo universo fictício; olhando para “Robbie” (1939), “Razão” (1940), “Mentiroso!” (1941), “Andando em Círculos” (1942), “É preciso pegar o coelho” (1944), “Evasão!” (1945), “Evidência” (1946) e “ O Conflito Evitável” (1950), observamos uma evolução muito clara nos conceitos que, para Asimov, definem os comportamentos dos seres artificiais; ao passo que os conflitos gerados por esses comportamentos também se tornam mais elaborados. O ponto que mais chama atenção nessa evolução é a importância e a dificuldade de desenvolver emoções humanas em seres artificiais, algo que se mostra decisivo para realização de tarefas mais difíceis.

“As máquinas da Consolidated, [...], são construídas sem personalidade.  
[...] O Pensador deles é uma mera máquina calculadora em grande escala.”

(ASIMOV, 2014, p, 206)

Esses trechos conseguem exemplificar uma parte do que é abordado pela pesquisa, vale ressaltar que boa parte do que é discutido acaba ficando de fora nesse breve resumo, contudo, entendo que boa parte dos conceitos principais foram apresentados e podem ser melhor compreendidos pela leitura da pesquisa completa.

## CONCLUSÕES:

Criar formas de vida artificial dentro da literatura é um movimento que ganha força desde que o gênero de ficção científica tem se expandido. O romance de Mary Shelley teve papel fundamental dentro desse campo não só por sua criatura, mas também por abrir caminho para o subgênero ficção científica. Ao utilizar diversos elementos que eram descobertas científicas recentes, a autora consegue dar um fundo para sua obra permitindo uma exploração que não era feita por outras obras literárias até então. A possibilidade de se criar vida, algo que até então era ligado apenas ao divino, abre um novo caminho para pensar a relação criador-criatura; o medo de ser odiado por sua criatura não é reflexo apenas do trabalho de Shelley, como Asimov vai defender em um de seus prefácios, é também influência de uma sociedade onde o poder de se criar vida é algo sagrado e a tentativa de alcançar esse poder é vista como sacrílega. Mesmo cem anos depois do lançamento de Frankenstein, a maioria dos livros de ficção reproduziam essa mesma estrutura, um criador que era perseguido e destruído por sua criação.

O trabalho de Isaac Asimov, ao re-imaginar os conceitos e implicações da vida artificial, conseguiu mostrar outros cenários onde o medo não é o foco principal da narrativa. Seu principal objetivo era justamente desconstruir o que ele chamou de “complexo de Frankenstein”, algo que via permeado por toda ficção científica em seu tempo. Boa parte desse trabalho se baseou em um novo olhar para relação homem-tecnologia, algo que para o autor era inevitável em uma sociedade onde o desenvolvimento científico caminhava tão rapidamente. Suas Três Leis da Robótica permitiram outra mudança, agora criar outro ser que fosse semelhante ao humano não era mais uma narrativa necessariamente distópica, as soluções e os paradoxos apresentados pela vida artificial ganharam outro fundo, dessa vez mais complexo e preocupado com implicações cada vez mais reais.

## BIBLIOGRAFIA

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. São Paulo: Editora Aleph, 2014.

ASIMOV, Isaac. **Histórias de Robôs**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. Parábola, 2020

HITCHCOCK, Susan Tyler. **Frankenstein. As Muitas Faces de Um Monstro**. Lafonte, 2010

RUSTON, Sharon. **The Science of Life and Death in Mary Shelley's Frankenstein**. Novembro de 2015. Acesso disponível em:

<https://publicdomainreview.org/essay/the-science-of-life-and-death-in-mary-shelleys-frankenstein>

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. São Paulo: Editora Zahar. 2017